

## PESQUISA E EXTENSÃO: QUALIFICANDO O PROFISSIONAL DESDE A SUA GRADUAÇÃO

Alã Lima Bonfim<sup>1</sup>

**RESUMO:** *Este trabalho visa relatar as dificuldades para a existência da pesquisa e extensão interdisciplinar no ambiente acadêmico moderno e na importância de sua correta utilização para a formação do estudante de graduação. A gestão das Instituições de Ensino Superior perpassa pelos objetivos sociais geradas por sua grande possibilidade de transformação estrutural. Apesar de não poder esquecer suas necessidades econômicas de sustentabilidade, ela deve se ater principalmente pelo alicerce que a sustenta, que é o ensino, a produção científica e a prática educacional, esclarecendo que os resultados almejados para sua missão estão sendo alcançados. Buscaremos também demonstrar alguns conceitos no intuito de facilitar o entendimento da linha de raciocínio apresentada, além de manter uma linguagem acadêmica de fácil compreensão, para que tanto professores, alunos, funcionários e pesquisadores de outras instituições possam entender melhor a dinâmica que rege o modelo acadêmico estudado.*

**Palavras-chave:** Universidade; Pesquisa; Extensão.

### 1. INTRODUÇÃO

Com o objetivo de colocar no mercado profissionais das mais diversas áreas do conhecimento para atender às necessidades de um mundo altamente exigente, figurando nos padrões da ética e respeito às pessoas, é desejoso que o formando da graduação finalize sua passagem pela universidade, com conhecimentos que lhe permita atender às demandas sociais listadas por Maslow (1975), servindo a si e à sociedade.

Ao concluir a graduação, o estudante, com ou sem experiência de trabalho, deve possuir não somente as ferramentas que a Academia lhe proporciona, mas conhecimentos obtidos através de atividades que o integrem em seu próprio campo profissional, ampliando sua formação teórica-prática e interdisciplinar, já que o homem, em um meio social, vivendo em uma comunidade, trabalhará com inúmeros profissionais das mais diversas áreas, seja qual for a Organização contemplada.

As atividades de pesquisa, extensão, monitorias, estágios extracurriculares (respeitadas as normas da Lei de Diretrizes e Bases do MEC) devem proporcionar aos estudantes da graduação conhecimentos que permitam refletir sobre sua futura área de atuação, construção de conhecimento, além da produção de trabalhos científicos, sob a orientação de professores que também possuam motivação no enriquecimento intelectual da comunidade acadêmica atual.

### 2. OBJETIVOS

Identificado que existe um desvio à meta da Universidade em formar profissionais com identificação social e interação com a comunidade, esta pesquisa objetiva levantar informações

---

<sup>1</sup> Acadêmico do Curso de Administração de Empresas da Universidade Católica do Salvador – UCSAL. E-mail: [adm\\_ucsal@yahoo.com.br](mailto:adm_ucsal@yahoo.com.br). Orientador: Professor André de Sousa Santos do Departamento de Estudos Administrativos / UCSal.

relevantes para identificar como se dá este desvio, o que o motiva e quais seriam suas bases de sustentação.

### 3. DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

Estarão, dentro do âmbito da pesquisa, somente os aspectos que possam ser analisados conforme a relação entre a percepção da realidade histórica relatada pelos entrevistados e a realidade vivenciada e apresentada no cotidiano da comunidade acadêmica. Os aspectos serão baseados naquilo que tange o possível, buscando apresentar fatos, relatos e resultados de entrevistas daqueles que participam do contexto a ser analisado e que são relevantes para o alcance da compreensão real das hipóteses sugeridas.

### 4. RELEVÂNCIA DO ESTUDO

O estudo sobre esta problemática perpassa pela relevância de identificar em que nível de congruência se encontram o discurso e a execução, a divulgação e a ação, as palavras e os fenômenos reais. A vida acadêmica conduz o estudante a momentos de conhecimento, de aprendizado, de reflexão, e de identificação ou não com o curso escolhido. Identificação esta baseada naquilo que lhe é apresentado (proposta) relacionado àquilo que é vivido e presenciado em sala de aula e, quando possível, na atuação com a realidade aplicada extra-classe.

atitude interdisciplinar, uma atitude frente a alternativa para conhecer mais e melhor; atitude de espera frente aos atos não consumados, atitude de reciprocidade que impele à troca, que impele ao diálogo, ao diálogo com pares anônimos ou consigo mesmo, atitude de humildade frente à limitação do próprio saber, atitude de perplexidade frente à possibilidade de desvendar novos saberes, atitude de desafio, frente ao novo, desafio em redimensionar o velho, atitude de envolvimento e comprometimento com os projetos e com as pessoas neles envolvidas, atitudes pois, de compromisso em construir sempre da melhor forma possível, atitude de responsabilidade, mas sobretudo de alegria, de revelação, de encontro, enfim de vida.<sup>2</sup>

### 5. CONTEXTO

Por exemplo: sendo a educação um fator essencial para transformações estruturais e motivador do desenvolvimento social e econômico, as instituições comunitárias devem perceber que o esforço educacional superior está sendo cobiçado por aqueles que enxergam a oportunidade para sua mercantilização. Os tempos mudaram e agora já existem outros grupos que disputam esta imagem social, sem que seja preciso se autodenominar de comunitária.

Parafraseando Patrícia Ashley, *“A empresa socialmente responsável assume uma postura proativa, ou seja, considera responsabilidade sua buscar e implementar soluções para problemas sociais...”*.

---

<sup>2</sup> Fala da professora Doutora Ivani Catarina Arantes Fazenda no Congresso Interdisciplinar/ educação-92, realizado pelo Instituto de Educação da Universidade de Mato Grosso.

Estas análises devem ser feitas com o objetivo de compreender a identidade que uma Instituição de Ensino Superior (IES) deseja ter e para quem ela quer transmitir. Sua comunidade interna necessita conhecer-se bem, no intuito de poder ajudá-la a construir e passar esta imagem, e quando se fala “ela”, deve se entender todos que dela participam, não só o Governo da IES, mas também, professores, estudantes e funcionários.

Esta interação não pode estar somente no campo das idéias, ou da divulgação em sua publicidade, mas na consciência de seus principais divulgadores e relações públicas, a própria comunidade acadêmica.

*“A mente que se abre a uma nova idéia jamais volta ao seu tamanho original”*  
Albert Einstein (1879-1955).

## 5.1. Organizações Burocráticas X Organizações Inovadoras

Citado no livro *Imagens da Organização*, de Gareth Morgan, o pesquisador Hebert Simon (ganhador do Prêmio Nobel – 1978) e alguns colegas do Carnegie – Mellon University, explorando a tomada de decisão humana e a tomada de decisão organizacional, mostrou que as organizações jamais conseguiriam ser perfeitamente racionais, especialmente porque seus membros têm habilidades limitadas no processamento de informações. Este argumento é assinalado pelas simples razões:

- a) As pessoas muitas vezes têm que agir sobre bases de informações incompletas, a respeito de algo (imaginemos um médico, tendo que atender um paciente em estado de emergência sem todas as informações necessárias sobre o paciente, a exemplo de alergias, medicações que ele estava tomando, causas gerais do incidente, etc.);
- b) As pessoas são capazes de explorar apenas um número limitado de alternativas, que esteja relacionada a uma decisão a ser tomada (se, por exemplo, os alunos, professores, ou funcionários não são ouvidos, e são eles que estão no front do campo de ação da universidade, os dirigentes das IES limitarão a sua decisão somente aos seus próprios olhos).

## 6. REFERENCIAL TEÓRICO

Partindo para as reflexões colocadas pela Prof<sup>a</sup> Ivani Fazenda, a docente Adriana Azevedo Paes de Barros, doutoranda em comunicação social e professora da UMEESP, cita em seu artigo *Interdisciplinaridade: o pensando o vivido – de sua necessidade às barreiras enfrentadas* que, “... atitude interdisciplinar é a compreensão e vivência do movimento dialético” e complementa que “O que se deve destacar neste fundamento é a importância do exercício do diálogo realizado com nossas próprias produções, objetivando extrair destes diálogos novos conhecimentos, novas posturas, novos indicadores, novas possibilidades de trabalho”.

Significa pensar, então, que os professores (como formadores e educadores) devem manter um exercício contínuo de atualização e troca de informações com outros professores, das mais diversas áreas. Se isto já acontece, por que pouco conhecimento se produz?

Contudo, isto não se dá apenas por uma suposição de interesses pessoais, mas, como escreve a autora “... outro fundamento importante para uma prática interdisciplinar consistente é a parceria, que consiste numa tentativa de incitar o diálogo com outras formas de conhecimento

que não estamos habituados...” e continua, “Nós educadores, somos e temos que ser parceiros, parceiros de outros educadores que entendem a educação como um mecanismo de melhoria da condição social dos educandos, parceiros dos teóricos que lemos, parceiros de nossos alunos, de alguma forma estamos sempre em parceria”.

Estas citações somente estão parafraseadas, com o intuito de dar credibilidade à importância deste tema, na construção e manutenção de uma comunidade acadêmica atenta às mudanças e transformações sociais, que exigem uma qualitativa atenção do recém-formado da graduação aos reais interesses e necessidades da sociedade atual.

## 6.1. Iniciação Científica

Segundo o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC):

A iniciação científica é um instrumento que permite introduzir os estudantes de graduação potencialmente mais promissores na pesquisa científica. É a possibilidade de colocar o aluno desde cedo em contato direto com a atividade científica e engajá-lo na pesquisa. Nesta perspectiva, a iniciação científica caracteriza-se como instrumento de apoio teórico e metodológico à realização de um projeto de pesquisa e constitui um canal adequado de auxílio para a formação de uma nova mentalidade no aluno. Em síntese, a iniciação científica pode ser definida como um instrumento de formação de recursos humanos qualificados.

A iniciação científica é um dever da instituição e não uma atividade eventual ou esporádica. É isso que permite tratá-la separadamente da bolsa. A iniciação científica é um instrumento básico de formação, ao passo que a bolsa de iniciação científica é um incentivo individual que se operacionaliza como estratégia de financiamento seletivo aos melhores alunos, vinculados a projetos desenvolvidos pelos pesquisadores no contexto da graduação ou pós-graduação. Pode-se considerar a bolsa de iniciação científica como um instrumento abrangente de fomento à formação de recursos humanos. Nesse sentido, não se pode esperar que todo aluno em atividade de iniciação científica tenha bolsa. É fundamental compreender que a iniciação científica é uma atividade bem mais ampla que sua pura e simples realização mediante o pagamento de uma bolsa.  
Manual do Usuário - (Resolução Normativa 019/2001)

Estas orientações do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), revelam a importância que deve ser dada à iniciação científica, pois a sua realização, durante o curso de graduação, pode despertar o aluno para o aprendizado do método científico.

Outra definição sugerida pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação de Pesquisa e Extensão da UNIFACS (Universidade Salvador) e talvez explicita de uma melhor forma:

A Iniciação Científica é uma atividade voltada aos alunos de graduação que visa incluí-los, desde sua graduação, no ambiente de pesquisa e produção científica, despertando vocações e incentivando os que se destacam em seu desempenho acadêmico.

O aluno de Iniciação Científica atua no apoio técnico e metodológico à realização de um projeto institucional de pesquisa, ao mesmo tempo em que desenvolve suas atividades em seu curso de graduação.

A Iniciação Científica deve ser realizada em um tema relevante seguindo um projeto com objetivo, metodologia e cronograma específicos. Para tal, é necessário que haja um professor orientador capacitado na área escolhida.

Para a realidade das IES, qualquer ação deve estar não só baseada nas atuais disciplinas de metodologia da pesquisa e estágios. A iniciação científica deve operar na realidade de cada curso, proporcionando aos alunos momentos em que possam adquirir a experiência acadêmica, tanto com monitorias e estágios, quanto com a pesquisa de campo, com as atividades de extensão, e a interação com as outras áreas do saber, respeitando a alteridade.

As experiências de outras Instituições revelam que a especificidade de cada contexto acadêmico deve ser particularizada, visando empenhar-se nas melhores alternativas de ação, através do planejamento, após uma leitura de mundo de cada Unidade de Ensino, compreendendo, tanto seus diretores como professores e alunos.

## 6.2. A Pesquisa

A parte do conhecimento acadêmico que tem o poder de confirmar e também renovar o discurso dos professores na sala de aula, é a pesquisa. Pois ela proporciona a investigação das diversas explicações que a realidade pode ter. A Pós-Doutora em política educacional pela UFPR, a Professora Lílian Anna Wachowich, também compartilha dessas idéias, que podem ser encontradas no documento do VI EAPP<sup>3</sup> (2003, p.67) promovido pela UCSal.

O estímulo da cultura da pesquisa acadêmica, verdadeiramente científica, trazendo conhecimentos e experiências, supera a simples exposição de aulas e trabalhos solicitados pelos professores. A orientação do professor na pesquisa científica agrega valor a todos que dela participam e apóiam. Ganham os alunos, os professores e a instituição como um todo.

Onde não há cultura organizacional, cria-se um clima organizacional para poder fomentá-la. Esta necessidade de mediação tem origem no desafio que a natureza do ócio científico nos coloca, que deve ser assumido, percorrendo o caminho de uma nova história para a universidade.

Mas, como incentivar a pesquisa em um ambiente, onde não há a cultura da pesquisa? Será que, promovendo debates e palestras sobre o tema? Fixando cartazes?? Promovendo atividades extracurriculares ou aulas interdisciplinares? Quem poderá responder a estas indagações?

A Semana de Mobilização Científica (SEMOC) é uma atividade promovida anualmente pela UCSal, com o intuito de promover o desenvolvimento científico da instituição. Alunos e professores que já realizam trabalhos podem inscrevê-los para apreciação de uma comissão julgadora, que quando aprovados, recebem um espaço para divulgá-lo durante o evento.

A experiência da UNIFACS revela que se faz necessário incentivar a participação de alunos e professores para a realização da pesquisa através de eventos como, o Seminário Estudantil de Produção Científica (SEPA) na sua 7ª edição, e a Jornada UNIFACS de Iniciação Científica (JUIC) 2ª edição.

Já na UFBA, além do histórico e maciço apoio dado à aprendizagem na metodologia da pesquisa, incentivo a investigação científica, programas e projetos sociais diversos ocorrem também a parceria com as fundações de fomento à pesquisa, que corroboram para que a Universidade Federal tenha hoje 23% de Doutores no seu quadro docente, contra 9% das particulares e 4% das comunitárias e filantrópicas (onde se inclui a Católica).

---

<sup>3</sup> Encontros de Avaliação e Planejamento Pedagógico

### 6.3. A Extensão

A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade (Plano Nacional de Extensão Universitária).

Ações desenvolvidas pelos órgãos de extensão, em diversas Instituições de Ensino Superior (IES), têm destacado suas atividades com uma visão meramente assistencialista. Como função inerente à universidade, a comunidade universitária em todo o Brasil passou a se questionar, discutir a dinâmica das atividades extracurriculares e perceber a extensão como a possibilidade de permitir um maior contato com a realidade social.

A extensão é utilizada por muitas instituições na forma de pequenos cursos que, com uma carga horária mínima, conferem aos estudantes colocá-la no currículo.

A atividade de extensão é muito mais que um pequeno curso pago, ela é a possibilidade do aluno ir a campo e vivenciar a realidade de sua profissão, entrar em contato direto com a comunidade e poder construir o conhecimento, através dos saberes já existentes, podendo apreender, compreender e transformar a realidade, empreendendo idéias, abandonando a simples e pura repetição.

Como é ensinada no curso de Serviço Social da UCSAL, a atividade de extensão não pode ser encarada como um momento em que o professor leva os alunos a uma determinada localidade, aplica a teoria, suga os conhecimentos da adversidade, do sofrimento dos mais carentes por mero aproveitamento individual e egoísta. Parafraseando o Professor Dr. Pedro Demo, em palestra conferida à VII SEMOC, “o povo aprecia a universidade não é porque ela cuida de uma favela, o povo aprecia a universidade porque ela produz o conhecimento mais importante de que a sociedade precisa”.

### 6.4. Interdisciplinaridade

Os questionamentos acadêmicos são incentivados pelos educadores de todo o mundo, que têm sua origem desde o período socrático, com as interrogações filosóficas para todas as ciências, abraçam a reflexão sobre suas categorias, suas relações e, principalmente, o saber que é gerado.

Os princípios que mantêm a identidade, diversidade e autonomia na busca do saber definem a relação a ser mantida entre os partícipes das atividades de pesquisa e extensão interdisciplinar, tanto nas diferentes disciplinas de um curso, quanto na interação dos diversos cursos existentes.

Iniciado como um programa experimental, a Atividade Curricular em Comunidade (ACC) da UFBA, passou, em 2003, a ser constituída como um programa permanente da Instituição, tendo sido aprovado pela câmara de extensão e pela câmara de ensino da graduação. Mas afinal, o que é a ACC?

A Atividade Curricular em Comunidade é uma experiência educativa, cultural e científica, desenvolvida por professores e estudantes da UFBA, com características comuns às demais disciplinas: obrigatoriedade, carga horária de 60h, 4 créditos e propósito acadêmico. No entanto, ela se diferencia por permitir às equipes, liberdade para eleger seus temas, programas e experimentação de novas metodologias.

Os estudantes desenvolvem atividades de interação entre o conhecimento acadêmico e o popular, realizando cursos, debates, ciclo de estudos, feiras, campanhas, entre diversos outros, que podem ser encontrados e confirmados, tanto através do portal da UFBA, como das publicações realizadas a partir destas experiências.

Mas, em que se diferencia dos trabalhos comunitários realizados por outras IES? Diferencia-se, pela interdisciplinaridade total existente no programa, com possibilidades de que qualquer estudante participe, abrindo seleção ao estudo do tema, como sendo mais uma disciplina ofertada (Bela Serpa, Coordenadora da ACC – UFBA).

Ela se torna uma atividade que tem conexão com diversos cursos, que são convidados a participarem do tema que se propõe. Para sua realização, ela pode utilizar tanto os espaços disponíveis nas próprias comunidades (ex: igrejas, postos de saúde, Centros Sociais, ruas, clubes, ONG's, entre outros) quanto os espaços da própria Universidade.

A Interdisciplinaridade é um tema complexo, havendo a possibilidade de compreendê-la, sentir as suas múltiplas implicações, enxergando a alteridade e respeitando-a, será possível ver e entender o mundo na forma holística, em sua rede infinita de relações, em sua complexidade, compreendendo a importância das diversas profissões, valorizando-as, ainda no contexto acadêmico, extinguindo de vez com a discriminação originada pelo desconhecimento sobre as outras profissões.

A Fundação Darcy Ribeiro, versando sobre o tema, publicou em seu site na web:

É importante deixar claro que a prática docente, ao adotar a interdisciplinaridade como metodologia no desenvolvimento do currículo escolar, não significa o abandono das disciplinas, nem supõe para o professor uma “pluri-especialização” bem difícil de se imaginar...” “Para maior consciência da realidade, para que os fenômenos complexos sejam observados, vistos, entendidos e descritos torna-se cada vez mais importante a confrontação de olhares plurais na observação da situação de aprendizagem.

## 7. CONCLUSÃO

### 7.1. A Falência do Modelo Acadêmico

Em artigo de mesmo nome, Ryon Braga pontua criticamente o comportamento atual de incapacidade que a “ciência” tem demonstrado de pensar sobre si mesma.

Este momento tem sido descrito por muitos como o da crise das teorias, crise dos modelos e crise dos paradigmas, restando à educação apenas a possibilidade e o dever de sair na frente, concebendo uma práxis pedagógica que capacite ao educando lidar com as dúvidas, divergências e incertezas inerentes ao conhecimento moderno.

Sem compreender as outras profissões, o profissional, saindo da universidade, não consegue enfrentar a crescente complexidade da realidade que o cerca, não se vê preparado para o empreendedorismo, para partir para a ação. Sente-se incapaz de enfrentar os problemas globais (como a falta de emprego), não entende por que sair de um curso em uma Instituição de renome, não lhe garante mais uma vaga no mercado de trabalho.

Se o MEC aumenta a quantidade de dias letivos no ensino, por que ainda não se tem momentos de reflexão, sobre os assuntos tratados na sala de aula? Repetir assuntos que deveriam ser “discutidos” na aula, para que os alunos tenham que “vomitar” nas provas, não é formar opinião e não significa formar pensadores. Enquanto o primeiro mundo pesquisa, o terceiro mundo dá aula (DEMO, 2004).

## 7.2. Quebrando o paradigma

Os paradigmas agem como filtros, retendo dados importantes da instituição, o que corrobora para que informações que combinem com os paradigmas sejam mais facilmente aceitas. Quando os dados (e aqui estão alguns deles) não combinam com as expectativas criadas pelos paradigmas, as pessoas (Órgãos da Instituição) têm dificuldades em percebê-los, tendem a ignorá-los ou distorcê-los, para assim ajustá-los aos paradigmas, ao invés de reconhecê-los como exceções à regra.

A interdisciplinaridade deve ser pensada junto à antropologia histórica de tais especificidades, que só podem ser atendidas, se estudadas, vivenciando ou discutindo-as. O taylorismo (divisão do trabalho) e o fordismo (produção em série) revelam parte da história que culminou na fragmentação do conhecimento, e esta nos influencia até hoje.

A iniciação científica, a pesquisa e a extensão devem ser encaradas como parte do currículo acadêmico da Universidade, proporcionando aos alunos, conhecimentos sobre temas de seu interesse, deixando de ser uma atividade apenas temporária e eventual.

Apesar de as instituições de fomento à pesquisa selecionarem os melhores alunos das Instituições de Ensino Superior, a UCSal deve pensar na sua especificidade. É possível perceber que se faz necessário incentivar a formação de uma cultura de pesquisa que ainda não existe, orientando os alunos a participarem, esclarecendo os seus benefícios. Após a realização da VII SEMOC, ela pode estar nascendo, tomando forma.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Adriana Azevedo Paes de. **Interdisciplinaridade: o pensando o vivido – de sua necessidade às barreiras enfrentadas**. Endereço eletrônico: [www.intercom.org.br/papers/xxii-ci/gt02/02b05.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/xxii-ci/gt02/02b05.pdf) - acessado em 01/09/2004;

BASTOS, Marco. **Paradigmas**. Endereço Eletrônico: <http://www.geocities.com/marcobastos2001/Producao/PARADIGMAS.html> - acessado em 02/11/2004;

BRAGA, Ryon. **A Falência do Modelo Acadêmico**. Artigo Científico;

CARMO-NETO, Dionísio. **Metodologia Científica para Principiantes**. Salvador: Ed. Universitária Americana;

Faculdade Pelotina – FAPAS. **Normas Técnicas para Trabalhos Científicos**. Santa Maria: Ed. Biblos, 2002;

GARETH, Morgan. **Imagens da Organização**. 1 ed. São Paulo: Ed. Atlas, 1996;

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Ed. Atlas, 2002;

LUBISCO, Nídia Maria Lienert; VIEIRA, Sônia Chagas. **Manual de Estilo Acadêmico**. 2.ed. Salvador: Ed. EDUFBA, 2003;

PENIN, Sonia T. de Sousa. **A Aula: Espaço de Conhecimento, Lugar de Cultura**. Papirus. Campinas, 1999;

ROESCH, Sylvia Maria Azevedo. **Projetos de Estágio do Curso de Administração**. Ed. Atlas, 1995;

SIQUEIRA, Holgonsi Soares Gonçalves. **Interdisciplinaridade**. Jornal A Razão. 1999. Artigo.